

O simbolismo religioso no discurso peronista

André Vinícius

Resumo:

As relações entre política e religião sempre foram muito estreitas, desde os reis-deuses da Antiguidade até os movimentos messiânicos mais atuais. Na Argentina do século XX, o peronismo irrompeu não só como manifestação de impulsos latentes próprios da sociedade platina, mas também de desejos de caráter soteriológico que acompanham a humanidade desde os seus primeiros tempos. O uso do simbolismo religioso nos textos e discursos peronistas, à luz das teorias psicanalíticas nos permite desvendar e revelar esses sentimentos no povo argentino.

Palavras chaves: Peronismo, Argentina, religião.

“Porque é ele a nossa paz, ele que de dois povos fez um só, destruindo o muro que os separava”

Ef, 2 14.

1. Breve introdução histórica.

A Argentina nasceu como país independente dividida em duas: o federalismo e o unionismo; o campo e a cidade; os caudilhos radicais e os burgueses liberais; a barbárie e a civilização. Durante as primeiras décadas, a primeira dessas forças mostrou-se mais atuante: De 1829 a 1852, Juan Manuel Rosas governou o país com mãos de ferro. Pelo terror e com medidas que hoje seriam consideradas populistas, foi venerado como um deus, principalmente pelos índios, os gaúchos e as classes mais desfavorecidas do campo.

No entanto, o ano de 1880 marca uma mudança nos rumos da economia e política no país platino.

“É o fim de uma época em que se alternavam a euforia e a recessão, as crises de poder e as guerras internas. A mudança se deu graças à combinação de três ingredientes: as maciças inversões inglesas, o comércio internacional e a imigração. Nos anos que se seguiram, os ingleses inundariam a Argentina com milhões e milhões de libras. O melhor símbolo dos anos que viriam a seguir foi

o sistema ferroviário, inaugurado em 1857 (...) Mas as ferrovias não eram o único símbolo da época que estava se abrindo. Havia as bibliotecas, os hospitais, o banco da nação, e uma notável prosperidade, a despeito da crônica concentração de terra e do papel secundário desempenhado pela agricultura.”¹

Foi assim que o século XX encontrou uma Argentina confiante, com a capital Buenos Aires respirando prosperidade. Contudo, permanecia dividida: De um lado os *nouveaux-riches* esbanjando dinheiro e elegância, do outro, os “cabecitas negras” vivendo em deploráveis condições.

A crise de 1929 não só abalou a economia argentina; pôs fim também a 15 anos de governo da União Cívica Radical (UCR),

“um partido de classe média [que] tentava encontrar um caminho intermediário para mudanças, sem guerras civis, ou reformas demasiadamente profundas que lançassem o país no enfrentamento de classes.”²

De 1930 a 1945, a política argentina reveza-se entre governos civis e militares. No último desses golpes militares surge a figura de Perón. Do modesto Departamento Nacional do Trabalho à cadeira de presidente, Perón vinha abalizar um prognóstico que, ainda no final do século anterior, Sarmiento, intelectual e político argentino morto em 1888, fizera sobre os seus contemporâneos:

“[São crianças] que nada querem, nada conhecem e precisam que os homens de alta visão e alta compreensão lhes sirvam de pai.”³

Mas se o povo argentino precisava de um pai, Perón lhes deu também uma mãe. Em janeiro de 1944, ele conheceu Eva, atriz de talento discutível mas de extrema sensibilidade. Os dois juntos e ela, principalmente, incutiram na política argentina uma marca tão forte que, já em 1989, aquando da eleição de Carlos Menén, era possível ver pichado nos muros de Buenos Aires as seguintes palavras: “Veja, veja que loucura. Veja que emoção. Carlos Menén presidente, porque lá do céu o ordenou Perón”⁴. O Próprio Menén, em sua campanha, discursava diante de enormes retratos de Perón e Eva.

Mas, voltemos ao ano de 1955, quando o segundo mandato de Perón foi interrompido por um novo golpe militar. Dentre as forças que se voltaram contra ele a Igreja foi uma das mais incisivas. Seria uma resposta a uma doutrina política que ousara ganhar ares de uma nova religião?⁵

Para assumir esse status, o peronismo recobriu o seu discurso com um simbolismo de natureza religiosa que, mais que uma retórica de caráter quase poético, revela sentimentos e disposições há muito enraizados na psique humana, individual ou coletiva.

Através da análise de textos de Eva e discursos de Perón, apoiado nas teorias sobre o simbolismo de Carl Gustav Jung e nas teorias de Freud sobre psique e religião, o objetivo do presente trabalho é revelar esse viés imanente do movimento peronista, desvendando as forças intrínsecas que movem indivíduos e massas.

2. O herói e sol condutor.

Por que o povo argentino precisava de um pai?

Poderíamos tentar responder a essa pergunta a partir das próprias características da sociedade argentina. Mas, então passaríamos ao largo da proposta desse trabalho. Temos, aqui, que partir de três pontos: (1) Tal necessidade não é exclusiva do povo platino, (2) nem se manifestou somente naquele período histórico e (3) ele se manifesta, invariavelmente, nos sistemas religiosos.

Na Argentina católica, Perón foi identificado com Cristo, como assim atesta algumas passagens da *Historia del Peronismo*, de Eva Perón. Mas, em outras épocas, entre outros povos, muito bem poderia sê-lo com Maomé, Moisés, Baldér ou Mitra. Esses homens, deuses ou semideuses encarnam o ideário do messias, o herói que conduz seu povo a um futuro glorioso.

A figura do messias aparece, na história das religiões como uma reinterpretação do deus que morre e ressuscita dos mitos ligados aos rituais de fertilidade. Na época em que esses mitos surgiram, a mulher desempenhava um papel proeminente nos grupos humanos.⁶

“Certamente a sacralidade feminina e materna não era ignorada no Paleolítico, mas a descoberta da agricultura aumenta-lhe sensivelmente o poder (...) Um

simbolismo complexo, de estrutura antropocósmica, associa a mulher e a sexualidade aos ritmos lunares, à Terra (assimilada ao útero) e aquilo que devemos chamar o 'mistério' da vegetação. Um mistério que reclama a morte da semente a fim de assegurar-lhe um novo nascimento.”⁷

Após esse período de matriarcado, o homem assume o papel mais importante da sociedade. Mas a idéia da renovação persistiu. Em *Mefistófeles e o Andrógino*, Mircea Eliade retoma e alarga a discussão:

“Esse tema (a renovação periódica do mundo) foi incansavelmente reinterpretado e revalorizado, continuamente integrado em contextos culturais múltiplos e variados. Tanto as ideologias de realeza quanto os diferentes tipos de messianismo e milenarismo, e na época moderna, os movimentos de libertação nacional de povos colonizados dependem mais ou menos dessa velha crença religiosa.”⁸

É para essa missão divina que a figura do herói é tão necessária. Perón não é herdeiro só de Rosas e Yrigoyen, líder da UCR eleito duas vezes como presidente. Ele é herdeiro dessa tradição messiânica que há mais de dois mil anos domina o imaginário humano:

“Nuestro líder y nuestro conductor, el general Perón, figura en un lugar privilegiado entre los grandes hombres que han conducido las masas hacia grandes destinos.

“Por estos caminos hemos llegado a nuestro pueblo y hemos probado que todos los grandes pueblos e todos los grandes hombres han sido precursores del peronismo e de Perón, y nuestro líder ha venido realizar (...) los sueños y las esperanzas de los pueblos de todos los tiempos e de los genios de todos los siglos.”⁹

Para encarnar essa figura era necessário que Perón se assemelhasse a seus antecessores. Como dissemos, e como era de se esperar em um contexto católico, é o paralelismo com Cristo que achamos mais facilmente. Além das mensagens de Eva destacando a perfeição e a grandeza do general, os

discursos dele também reforçam a idéia, mesmo que indiretamente. As palavras evocam facilmente passagens do evangelho cristão:

“Quienes quieran oír que oigan. Quienes quieran seguir que sigan. Mi empresa es alta y clara mi divisa.”¹⁰

Mas isso não é tudo. Nos sistemas religiosos, a imagem do herói foi comumente associada a outras que o simbolizam. Geralmente um animal – um touro no caso de Mitra, um cordeiro no caso de Cristo. Mas também poderia ser qualquer coisa que possuísse alguma característica que evocasse a figura principal e, nesse caso, o Sol e o fogo aparecem com bastante frequência. Afinal, o Sol, essa enorme bola de fogo que sustenta a vida na Terra, morre todos os dias para ressuscitar no dia seguinte. Às vezes, o símbolo é mais complexo trazendo um sol zoomorfado, geralmente associado a alguma ave. Temos exemplo disso no Antigo Egito, onde Horús, o deus sol aparece como falcão, e em um relevo hitita onde, acima da árvore da vida, vemos um sol alado.¹¹

Trazendo tudo isso para o peronismo é que Eva afirma que “*Perón es mi luz*”, ou que “*Perón tiene luz propia*”, ou ainda que Perón “*es un meteoro que quema para alumbrar su siglo*”. E uma passagem significativa é essa:

“Digo que para nosotros –y con mucha justicia y gran certeza – Perón es el rostro de Díos em La obscuridad, sobre todo en la obscuridad de este momento por que atraviesa la humanidad.”¹²

No Antigo Testamento, encontramos no livro do Êxodo a descrição da glória de Deus como fogo consumidor. No Novo Testamento é o próprio Cristo quem diz: “*Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andaré nas trevas.*”¹³

E Perón também é um condor, que assim como um falcão, voa tão alto quanto o Sol do meio dia, “*cerca de las estrellas y cerca de Díos*”.

Há de se destacar ainda que, assim como Cristo, Perón possuía duas naturezas: A divina e a humana. Seus atributos divinos são os mais destacados. No entanto, na identificação de Perón com o povo sua humanidade é evocada. Entretanto, sua humanidade está mais bem explícita

em sua humildade. Referindo-se aos peões que trabalhavam na propriedade de seus pais, ele diz:

“Eram como se fossem da minha família, e eu os tratava como tios. Nunca os considerei peões no sentido pejorativo da palavra (...) se tratava de gente magnífica. Em sua infinita humildade existia uma grandeza que não encontrei facilmente nas pessoas mais refinadas.”¹⁴

Assim, evocando figuras, qualidades e ideias atribuídas à divindade masculina, os discursos e mensagens peronistas trabalhavam para transformar Perón no herói tão aguardado não só pelo povo argentino, mas por toda a humanidade. E o que foi destacado até aqui não é tudo. Mas antes de prosseguir, permitam-me abrir um pequeno parêntesis.

3. Um pequeno parêntesis.

Pode ter parecido para alguns leitores que eu tenha simplificado demais na resposta dada à pergunta com a qual abri a secção anterior. Digo-lhes que têm razão. Isso se deve ao fato de ter verificado que uma explicação psicológica aprofundada tornar-se-ia enfadonha e além dos limites de minha formação como (futuro) historiador.¹⁵ Informo, entretanto, que guardei uma explanação mais psicológica para a última secção.

Não obstante, mesmo simplificada, a resposta apresentada não deve ser desconsiderada. Afinal, quem há de negar que existe, em todos nós, uma esperança de uma humanidade melhor? E que sua força é tão grande a ponto de vazar do campo religioso para o sociopolítico, se nem mesmo a filosofia e a ciência ficaram imunes a ela? De Platão a Marx, passando por Hobbes e Durkheim, ouvimos sua voz apontando para o futuro. E até mesmo os historiadores, debruçados sobre o passado, deixam-se levar.

4. Um Caminho de renúncias e sacrifícios.

Na estruturas dos mitos há uma temática que é recorrente sobre o nascimento dos heróis. Ele geralmente nasce em uma família nobre, mas essa é substituída por uma outra, humilde. Buda era um príncipe, mas abandona o

palácio para viver entre pessoas do povo; Cristo é descendente da casa real de Davi e também rejeita sua família em favor do povo:

“Quem é minha mãe e quem são os meus irmãos? E olhando em redor para os que estavam assentados junto dele disse: Eis aqui minha mãe e meus irmãos”¹⁶

Perón bem poderia se encaixar nesse esquema. Não era nobre, mas sua família tinha posses numa região do país onde possuir terra era símbolo de distinção. Mas ele se sente mesmo atraído é pela gente humilde que o rodeava. Eram a sua família, seus tios, seus pais.

“É por isso, senhores, na qualidade de simples cidadão, confuso diante desta massa transpirada, peço apertá-la contra o peito... como faria com minha mãe.”¹⁷

Mas, para cumprir sua missão, ele ainda teria que passar pela maior prova: A traição e a condenação. A história encarregou-se de operar essa parte. O sacrifício era necessário, afinal. Nas palavras de Eva, a aproximação com Cristo é evidente:

“Para Perón, el camino del gobierno no ha sido más que un camino de sacrificios, de sinsabores, y ha ido dejando jirones de su vida, no de su bandera, en un sacrificio constante para formar una Argentina socialmente justa, economicamente libre y politicamente soberana.

“Lo ha hecho contra la incomprensión de los de afuera y, lo que no esperábamos, también contra los de adentro, lo cual constituye una traición, que es más amarga: ver que en este momento crucial para la humanidad haya argentinos tan descastados, tan degenerados, que por el ansia de poder quiran crucificar al hombre más grande que há tenido la Argentina.”¹⁸

Mas o sacrifício não deve ser só o dele. Todos aqueles que o quiserem seguir devem carregar sua própria cruz. E essa é outra semelhança com Cristo, pois que Perón “*aspira a que todos seamos buenos discipulos de su doctrina.*”

“Los argentinos tenemos la responsabilidad de jugar la vida por Perón, porque si Perón no llegase a conducir los destinos de la nación, quedaríamos en una plena medianoche, sin llegar jamás al mediodía que los argentinos tenemos la obligación de alcanzar, y qual no podemos alcanzar sin Perón.”¹⁹

Seguindo o exemplo de seu líder, os argentinos, enfim, construiriam uma grande e imortal nação. Vejamos agora, qual o papel da mãe nessa missão.

5. A Mãe Eva e a Mãe Argentina.

Foi dito que os mitos ligados aos rituais de fertilidade surgiram quando a mulher desempenhava um papel proeminente nos grupos humanos. Foi dito também que a figura da mulher era associada à Terra, concebida como útero, pois dela é que surgia a vida; era a mãe-esposa através da qual o deus renascia. Com a mulher passando para um segundo plano na organização social, o papel das deusas diminuiu, mas não desapareceu. Como Mãe-Terra, elas eram associadas às cidades.

“A cidade é um símbolo materno, uma mulher, que abriga em si os habitantes como filhos”. Compreende-se assim por que as duas deusas-mãe, Réia e Cibele, ostentam coroas em formas de muros. O Antigo Testamento trata as cidades de Jerusalém, Babel, etc, como se fossem mulheres.

“(…) Cidades fortificadas, nunca subjugadas, são donzelas; colônias são filhos de uma mãe. Cidades também são prostitutas.”²⁰

No Novo Testamento não é difícil encontrar esse simbolismo, principalmente no Apocalipse. A Nova Jerusalém, aquela nação grande e imortal que todos os povos aspiram para si, é *a esposa, a mulher do Cordeiro*.

No evangelho peronista, a figura da mãe é mais evidente em Evita. Afinal, ela era a Dama da Esperança, a Mãe dos Inocentes, a Plenipotenciária dos Operários, o Poente do Amor. No seu cargo de secretária do trabalho e previdência podia assumir o seu papel de protetora e mantenedora.

“Não deixava um pedido por atender: óculos, emprego, móveis, vestidos, ajuda para comprar dentaduras, sempre partindo do princípio de que não estava fazendo caridade, mas dando ao povo o que o povo merecia.”²¹

Mas Eva não poderia, nem desejava, nem mesmo se achava digna, de assumir o papel de mãe de Perón. Ela era uma simples mulher do povo, uma esposa que vivia pelo marido, mas nunca maior que ele. Ela cumpriu bem o seu papel quando, preso, ele amargava sua descida aos infernos. Como Inanna, que chorou a morte de seu filho Tamuz, em seus “*dias de gran soledad*”, Eva peregrinou em busca de ajuda para trazê-lo de volta.²² O povo atendeu o seu pedido e ela agora não era mais que um deles.

A mãe, agora é a grande pátria argentina que, sob o signo do peronismo, cumprirá o seu destino. O discurso de Perón naquele 17 de outubro é significativo:

“Este es el pueblo que representa el dolor de la madre tierra, al que hemos de reivindicar. Es el pueblo de la patria, el mismo pueblo que em la histórica Plaza de Mayo pidió, frente al Cabildo, que se respetasen su voluntad y su derecho. Es el mismo pueblo que ha de ser inmortal por que no habrá perfidia ni maldad humanos que puedan contaminar esta masa grandiosa en sentimientos y en números.

“(…) Desde hoy sentiré un verdadero orgullo de argentino, porque interpreto este movimiento colectivo como el renacimiento de una conciencia de los trabajadores, que es lo único que puede hacer grande e inmortal la Nación.”²³

Mais significativas são as palavras da própria Eva:

Quando nuestra bandera se pasea por los caminos de la humanidad, los hombres del mundo se acuerdan de la esperanza como de una novia perdida que se ha vestido de blanco y celeste para enseñarles el camino de la felicidad”²⁴

Estava criada, então, a trindade do peronismo: *La Patria, el pueblo y Perón*. E hei-nos diante de mais um tema recorrente nas religiões. No

cristianismo temos o Pai, o Filho e o Espírito santo; na Grécia Antiga, Urano, Crono e Zeus; na Mesopotâmia sumério-acadiana, Anu, En-lil e Ea.

Para os católicos, a idéia de que a trindade representa aspectos de um mesmo deus é natural. Assim, não soava absurdo que Perón, o povo e a Pátria fossem todos a mesma coisa. No entanto, há quem possa questionar: Se Perón era o pai, e a Pátria, a mãe, como poderiam ambos ser a mesma coisa? Pode pai e mãe ser a mesma coisa?

Talvez pareça que a minha tese de que o papel da mãe caberia a pátria não seja tão consistente assim. Eva, então seria a única mãe, a mãe-esposa-filha. Mas, mesmo assim, cairíamos no mesmo questionamento. Lembremos que Eva era "*una humilde mujer del pueblo argentino*". Além disso, em suas próprias palavras, ela era também "*una sola cosa con Perón*":

"Yo voy hacer aqui la historia del peronismo al servicio de la doctrina de Perón y de la causa. Puedo tal vez hacerlo, porque saben bien todos ustedes, peronistas de la Patria, que Eva Perón, por ser Eva Perón, es una misma cosa com Perón: Donde está Perón, está Eva Perón."²⁵

É a esse questionamento que dedico a última parte desse trabalho. Porém, permitam-me mais um parêntesis.

6. Mais um parêntesis.

Talvez o leitor possa questionar qual era o real alcance da linguagem peronista. Creio que parte da resposta eu tenha dado no início do trabalho quando chamei a atenção para o fato de que décadas depois da morte de Perón e Eva, Carlos Menén tenha sido eleito utilizando-se de imagens dos dois. Ainda hoje o mito criado em torno de suas pessoas persiste e tem quem diga que o peronismo não seja um partido, mas uma religião.

Ao longo dessas páginas, tive a preocupação de deixar claro que o discurso peronista estava impregnado de um simbolismo que não é, originalmente, nem cristão nem argentino. Mas que está presente em vários sistemas religiosos, nas mais diversas épocas e nos mais diferentes lugares. E isso não foi à toa. Pois foi através do estudo comparado dos mitos que Jung desenvolveu o conceito de arquétipo, que ele entende como

“formas ou imagens de natureza coletiva que se manifestam, quase no mundo inteiro, como partes constituintes dos mitos e, ao mesmo tempo, como produtos autóctones e individuais de origem inconsciente”²⁶

Os símbolos são manifestações conscientes dos arquétipos. Mas como não sou eu o especialista aqui, deixemos que ele fale mais:

“O símbolo, observado do ponto de vista do realismo, não é uma realidade concreta, mas psicologicamente ele é verdadeiro, pois foi e continua sendo a ponte para as maiores conquistas da humanidade.

“(…) O Símbolo age de modo sugestivo, convincente, e ao mesmo tempo exprime o conteúdo da convicção. Ele age de modo convincente graças ao númeno, que é a energia específica própria do arquétipo. A vivência do último não é só impressionante mas de fato ‘comovente’. Ela produz fé naturalmente.”²⁷

Com essas palavras, fecho esse parêntesis.

7. O fim de tudo.

Havíamos dito que a trindade peronista era composta pelo próprio Perón, pelo povo e pela pátria. São esses os *tres amores de un peronista*. Havíamos dito também que os três são uma coisa só, assim como o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Esclareço agora que entraremos mais fundo no campo da psicologia e que tentarei, ao máximo, simplificar as coisas para quem não está acostumado com a linguagem da área. Lembrem-se que não sou especialista, mas baseio-me nas extensas leituras que tenho feito ao longo de alguns anos.

Voltemos, então, ao início do trabalho e lembremos que a crença no messias assenta-se sobre uma esperança de renovação. Mas, em que consiste essa renovação?

No *Brhadarányaka Upanishad*, obra da literatura hindu, encontramos o simpático relato cosmogônico:

“No Início o mundo era só o Atman (o si-mesmo)... Este olhou em torno: e não viu nada além de si mesmo... Então ele sentiu medo; por isso aquele que está só sente medo. Ponderou ele então: ‘o que devo temer, se nada existe além de mim?... Mas ele também não tinha nenhum prazer; por isso aquele que está só não sente prazer. Desejou ele então um segundo; daí se originaram esposo e esposa... Com ela ele se acasalou; daí se originaram os homens. Ela contudo ponderou: ‘como pode ele acasalar-se após ter me produzido de seu próprio ser? Pois bem, vou ocultar-me!’ Ela então se transformou numa vaca; ele porém virou um touro e se acasalou com ela. Daí se originaram os bovídeos. Ela então virou uma égua, mas ele se tornou um garanhão (...) daí surgiram os equídeos (...) Assim aconteceu que ele criou tudo o que casa, até as minúsculas formigas, tudo isso ele criou. Aí ele reconheceu: ‘Deveras, eu sou a própria criação, pois eu criei o mundo todo!’”²⁸

Esse tema da divisão de um ser primordial não nos é estranho. Ele foi explorado por Platão em *O banquete ou Do amor*. Mas também aparece na Bíblia quando Javé cria a mulher a partir de uma costela de Adão. Mais a frente, ainda no livro de Gênesis, Elohim decide confundir a língua dos homens pois “*são um só povo: se começam assim nada futuramente os impedirá de de executarem os seus empreendimentos.*”

As palavras de Elohim são significativas, pois que, separados, os homens não conseguiram atingir os céus. Atman, assim como os homens de Platão, persegue ardentemente a sua outra metade. E é a partir dessa (re)união que ele cria a sua realidade.

Para Freud, ao se relacionar com o mundo exterior, o ego introjeta os objetos que lhes são fonte de prazer e expelle aqueles que são fonte de desprazer. Assim, o outro, que é expelido, passa a ser identificado como mau e ameaça a sua integridade.²⁹ Portanto, não nos espanta que a mulher tenha sido tanto tempo identificada com o Mal, nem que povos e povos tenham se digladiado vendo um no outro uma ameaça constante.

Na Argentina de Eva e Perón, o inimigo maior, além dos *vendepatria*, os traidores, eram as *fuerzas ajenas*. Se a Argentina estava dividida em duas era porque “*fuerzas desnacionalizadas y desnacionalizadoras intentaron introducir la disociación entre hermanos.*”³⁰

Era mister, portanto, que os argentinos, identificados com Perón se unissem em torno da Pátria, formando “*una sola clase de hombres*” E se a identificação se dá através da Pátria, ela se torna o elemento mais importante. Ainda de acordo com Freud, essa (re)união é, no íntimo, um desejo de controlar o perigo que o outro representa. Dentro das instituições –e a pátria é uma delas- o ego se compraz relegando-as o papel de super ego. Esse super ego, ao criar a expectativa do Uno submete-se a fragmentação, validando a autoridade através da distinção entre os pares de opostos. Dirigentes e dirigidos são, apesar de distintos, a mesma coisa. Assim como Perón e o povo argentino.

Era necessário, portanto, que a Argentina anunciasse a sua Boa-Nova aos outros povos:

“Sean bienvenidos a nuestro movimiento todos los hombres, cualesquiera sean su credo, su raza, su religión.

Con esta hemos seguido nuestra vocacion historica de servir al mundo y por esta misma razón podemos decir con orgullo que el peronismo es un movimiento universal.” ³¹

Para finalizar, vimos que a Pátria é um símbolo da mãe e também esposa, a noiva do herói. Vimos também que é nela que a identificação entre pai e filho é possível. Eis, então, a renovação que deve ser processada pelo herói: é a renovação do si mesmo, através da união com a mãe.

Com relação a Cristo, Jung escreve:

“Como herói e homem-deus Cristo psicologicamente significa o si-mesmo, ele representa a projeção desse arquétipo mais importante e mais central. A este cabe funcionalmente o significado de um Senhor do mundo interior, isto é, do inconsciente coletivo. O si-mesmo como símbolo da totalidade é uma coincidentia oppositorum. (união dos opostos).” ³²

Como união de opostos, então, não fica descabido que o herói seja com a mãe uma só coisa.

Passando para uma linguagem freudiana, o peronismo como acontecimento histórico foi apenas mais um dentre vários momentos em que o

drama do complexo de Édipo se manifestou em um inconsciente coletivo na identificação de um povo com o pai (Perón) e no desejo pela mãe (a Pátria).

Notas:

-
- ¹ VIANA, Francisco. Argentina: civilização e barbárie. 2 ed. São Paulo: Atual Editora, 1991. p 18-9.
- ² Idem, ibidem. p 53
- ³ SARMIENTO. In. VIANA, Francisco. Op. Cit. p 33.
- ⁴ In. VIANA, Francisco. Op. Cit. p 5.
- ⁵ Sobre as relações de Perón com a Igreja cf. O Evangelho segundo Perón. De Francisco Alexandre e Francisco Olivando publicado em WWW.amerindia.ufc.br.
- ⁶ A estrutura desses mitos é basicamente a mesma: Uma deusa, que assume o papel de mãe e esposa, traz de volta à vida seu filho que havia morrido prematuramente. A ressurreição se dá através da própria deusa que é fecundada pelo deus.
- ⁷ ELIADE, Mircea. História das crenças e das idéias religiosas. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1983. p
- ⁸ Idem. Mefistófeles e o Andrógino. p 56.
- ⁹ PERÓN, Eva. Historia Del Peronismo. Buenos Aires: C S Ediciones, 1995. p 181.
- ¹⁰ PERÓN, Juan Domingo. Mensaje leído ante la Asamblea Nacional por el general de brigada D. Juan Perón con motivo de juramento como presidente de la nación. p 10
- ¹¹ Encontrei uma foto desse relevo em JUNG, Carl G. Símbolos da transformação: Análise dos prelúdios de uma esquizofrenia. Trad. Eva Stern. Petrópolis: Vozes, 1986. p 97 fig. 21.
- ¹² PERÓN, Eva. Op. Cit. p 48.
- ¹³ Ex. 24, 17 e Lc. 13, 17. As citações bíblicas foram retiradas da edição revisada por Frei José Pedreira de Castro publicada pela Editora Ave Maria no ano de 2006.
- ¹⁴ PERÓN, Juan Domingo. In. VIANA, Francisco. Op. Cit. p 35.
- ¹⁵ Uma leitura das obras de Freud pode ajudar os leitores mais descontentes e curiosos. Recomendo principalmente TOTEM E TABU e MOISÉS E O MONOTEÍSMO.
- ¹⁶ Mc 3, 34.
- ¹⁷ PERÓN, Juan Domingo. In. VIANA, Francisco. Op. Cit. p 46.
- ¹⁸ PERÓN, Eva. Op. Cit. p 167.
- ¹⁹ Idem. Ibidem. p 162.
- ²⁰ JUNG, Carl G. Símbolos da transformação: Análise dos prelúdios de uma esquizofrenia. Trad. Eva Stern. Petrópolis: Vozes, 1986. p 194.
- ²¹ VIANA, Francisco. Op. Cit. p 68.
- ²² Innana e Tamuz são, respectivamente, a deusa-mãe e o filho da mitologia sumério-acadiana.
- ²³ PERÓN, Juan Domingo. In. PERÓN, Eva. Op. cit. p 171.
- ²⁴ PERÓN, Eva. Op. Cit. p 134
- ²⁵ Idem. Ibidem. p 32.
- ²⁶ JUNG, Carl G. Psicologia e religião. Trad. Fausto Guimarães. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1965. p 59.
- ²⁷ Idem. Símbolos da transformação: Análise dos prelúdios de uma esquizofrenia. Trad. Eva Stern. Petrópolis: Vozes, 1986. p 220-1.
- ²⁸ DEUSSEN (org). Brhadáranyaka Upanishad 1, 4, 1-3 p 13. In. JUNG, Carl G. Símbolos da transformação: Análise dos prelúdios de uma esquizofrenia. Trad. Eva Stern. Petrópolis: Vozes, 1986. p 147.
- ²⁹ Cf. FREUD, Sigmund. O Instinto e suas vicissitudes.
- ³⁰ Perón, Juan Domingo. Mensaje leído ante la Asamblea Nacional por el general de brigada D. Juan Perón con motivo de juramento como presidente de la nación. p 10.
- ³¹ PERÓN, Eva. Historia Del Peronismo. Buenos Aires: C S Ediciones, 1995. p 182
- ³² JUNG, Carl G. Símbolos da transformação: Análise dos prelúdios de uma esquizofrenia. Trad. Eva Stern. Petrópolis: Vozes, 1986. p 356.

